

RESUMO:

O Projeto Alfabetização e Letramento: uma proposta de intervenção nas séries iniciais, do Ensino Fundamental, vinculado ao Programa Universidade sem Fronteiras – SETI/PR e UEPG, constitui-se numa intervenção interdisciplinar, entre as áreas de Letras, de Pedagogia e de Educação Física, oferecendo subsídios teórico-metodológicos para a ação docente, envolvendo a participação de cinco acadêmicos, um egresso e três Professoras dos referidos cursos. A falta de compreensão e de entendimento das questões da língua em aspectos relacionados com oralidade e com escrita reflete-se na linguagem e interfere nela. O projeto propõe metodologia voltada para formar professores – oficinas temáticas como: organização e planejamento do espaço e tempo pedagógico; práticas avaliativas em ensino-aprendizagem; ludicidade: jogos didáticos, cooperativos, lúdicos e vivenciais; oralidade e escrita; produção textual; fatos fonéticos e fonológicos; variação linguística. Pretende-se levantar dados em relação à produção textual, fornecendo elementos de análise para o professor buscando redimensionar a ação pedagógica.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Letramento. Oralidade. Escrita.

ABSTRACT:

The project "Alphabetizing and Literary Project: a proposal of intervention in the beginning levels of Elementary School, linked to the University without Frontiers Project – State Office of Science, Technology of College Teaching (SETI/PR), and to the State University of Ponta Grossa (UEPG), is an interdisciplinary intervention, involving the departments of Modern Languages, Education of Physical Education, with five students, one egressed one and three professors from those areas. It offers theoretic – methodologic subsidies for teacher's actions and to supply the lack of understanding language, issues concerning oral and writing skills, that reflects of interferes in the learning process. It offers a methodology to make teachers, proposing theme workshops, else: organization and planning of educational space and time; evaluating, practices in teaching-learning process; playing: educational, cooperative and experience games; oral and writing skills; text productions; phonetic and phonologic facts and linguistic variation. It intends to bring up data about text production which will yield elements of analysis, to teachers improve their management of the educational action.

KEYWORDS: literacy, oral and writing skills.

Alfabetização e Letramento - uma possibilidade de intervenção

INTRODUÇÃO

A falta de compreensão e de entendimento das questões da língua em aspectos relacionados com oralidade e escrita refletem-se na aprendizagem e interferem no processo de escolarização.

O projeto de extensão Alfabetização e Letramento – uma proposta de intervenção nas séries iniciais do Ensino Fundamental propõe metodologia diferenciada, voltada à

formação de professores, analisando determinadas questões, como leitura, de produção e de compreensão textual que, se não atendidas a tempo, poderão desencadear uma série de distorções no processo de aprendizagem. A meta essencial da ação deste projeto é trabalhar com a língua, complementando com as questões lúdicas e metodológicas do ensino, oferecendo subsídios para o docente minimizar essa ruptura. Assim, a oralidade, a escrita, a produção textual, as realidades fonéticas e as fonológicas, a variação linguística, além da organização pedagógica de planejamento, de espaço, de tempo e de práticas avaliativas e de jogos didáticos, lúdicos, cooperativos e vivenciais, envolverão aproximadamente 1943 alunos e 158 professores, de 4 diferentes instituições públicas de ensino.

Sabe-se que a inserção da criança, no mundo da escrita, ocorre antes de sua entrada na escola, para ser alfabetizada, pois seu desenvolvimento anterior se faz numa sociedade grafocêntrica. Assim sendo, a capacidade de produção escrita inicia-se na infância e amplia-se à medida que sua inserção cultural se desenvolve, distinguindo-se dois conceitos: Alfabetização: aprendizado do alfabeto, domínio e apreensão da forma escrita, utilizada em duas funções que se inter-relacionam: ler e escrever; Letramento: relaciona-se diretamente ao ato de ler e de escrever, ampliando-se, à medida que se faz uso dessas funções na vida social, utilizando-os num processo mais amplo do que a decodificação de palavras, ou o registro delas.

Deste modo, pretende-se levantar dados qualitativos e quantitativos em relação à produção textual, fornecendo elementos de análise para o professor a fim de redimensionar a ação. O grupo de trabalho visa, em seus resultados finais, ter oportunizado aos envolvidos um olhar mais atento e cauteloso nas questões pertinentes à alfabetização e ao letramento, dentro de uma dimensão diferenciada: alfabetização e letramento de forma continuada do Ensino Fundamental.

LETRAMENTO: AMPLIAR A CAPACIDADE DE RELAÇÕES COM O MUNDO

Língua e cultura são aspectos diretamente relacionados e complementares entre si, e intermediado pela cultura – inclusive, a cultura que perpassa a escola – o

Mirian Martins SOZIM¹, Andréia Rodrigues Zoelner DALLAROSA²
Hermínia R. B. MARINHO³, Camila Augusto PINTO⁴
Marjorie B. E. MENDES⁵, Livair A. dos SANTOS⁶
Wladimir G. R. ANTUNES⁷, Luana NASCIMENTO⁸
Ketlin de C. BONNET⁹

¹ Prof^a Dra. do Departamento de Letras Vernáculas – UEPG

² Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras Português / Inglês – UEPG.

³ Professora Me. do Curso de Licenciatura em Educação Física - UEPG

⁴ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras Português / Inglês – UEPG.

⁵ Professora Me. do Curso de Licenciatura em Pedagogia - UEPG

⁶ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia - UEPG

⁷ Egresso do Curso de Licenciatura em Letras - UEPG

⁸ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia - UEPG

⁹ Acadêmica do Curso de Licenciatura Educação Física - UEPG

homem se constrói. Assim, o que diferencia o homem de outros animais é justamente a capacidade de pensar, de refletir e de utilizar o raciocínio para se comunicar; buscando tanto melhorar suas condições de vida, quanto repassar esses conhecimentos aos demais. Logo, a tudo o que o homem cria ou produz, chama-se cultura. E dentro dela, uma das manifestações criadas pelo homem, foi o texto como forma de linguagem. A conceituação de texto é ampla e não similar a todos os estudiosos. O que todos os autores apresentam em comum, porém, o fato do texto manter relação com a escrita, sendo uma unidade maior de sentido e podendo também ser representado por ela, mas não se limitando apenas a isso.

O presente trabalho pretende investigar um dos aspectos apresentados na produção de texto – a influência de vocábulos orais no registro escrito, ou seja, muitos alunos transferem suas idéias para o papel, da mesma forma como falam, esquecendo-os preceitos que regem a escrita, a norma padrão a ser respeitada no momento de produção escrita. Sabe-se também que, de acordo com alguns estudos linguísticos há o certo, mas não há o errado, pois a oralidade é uma questão individual, devendo ser respeitada, já que os aspectos sociais (aluno, família ou comunidade onde está inserido) são fatores que regem a formação do aprendiz da língua, língua que já usa normalmente e que precisa ser conhecida em sua escrita. Nesse sentido, está a concepção de escola como lugar para aprender a norma padrão. Então o aluno, no momento de produzir a escrita, deve procurar respeitar essa norma: a escola, porém, não pode, sob pena máxima, esquecer que esse aluno já domina a fala (oralidade), e esta não pode ser realizada segundo plano. A esse respeito, Magda Soares, em seu livro *Letramento: um tema em três gêneros* (2003, p. 38), explica bem essa relação: “Enfim: a hipótese é que aprender a ler e a escrever e, além disso, fazer uso da leitura e da escrita transformam o indivíduo, levam o indivíduo a um outro estado ou condição sob vários aspectos: social, cultural, cognitivo, lingüístico, entre outros.”

A escola pois, representando o principal lugar de acesso à cultura escrita, deve propiciar momentos para o aluno, não só se apropriar dessa cultura, mas também aprender a utilizá-la, em outros momentos de sua vida, transformando e ampliando sua própria cultura constantemente.

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Alfabetização e letramento são dois processos que se inter-relacionam, complementando-se, sendo que a alfabetização inicia-se antes da entrada da criança na escola, e se formaliza no Ensino Fundamental com a aquisição do código escrito, visto que a cultura escrita perpassa a sociedade humana.

O letramento, por sua vez, vai além do domínio do código, constituindo-se enquanto prática social, de uso do código escrito, em várias situações da vida do indivíduo. Começa com a alfabetização, sendo contínuo nas relações humanas.

Destaco a diferença fundamental, que está no grau de ênfase posta nas relações entre as práticas sociais de leitura e de escrita e a aprendizagem do sistema de escrita, ou seja, entre o conceito de letramento e o conceito de alfabetização (SOARES, 2003, p.36).

A função primária da escola, enquanto instituição, é permitir ao aluno acessar à leitura e a escrita, sendo responsável por formalizar esse processo. Isso não acontece, porém de forma simples e imediata, pois uma concepção de valores permeia essa aquisição.

O senso comum diz que apenas com o domínio do código, pode-se obter ascensão social e cultural. Na realidade, só o processo de alfabetizar não é suficiente, para isso ocorrer. É necessário que o processo de alfabetização ocorra numa perspectiva de letramento.

A pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter outra condição social e cultural – não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu *lugar social*, seu *modo de viver* na sociedade, sua inserção na cultura – sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente (SOARES, 2003, p. 37).

Então, pode-se entender a alfabetização e o letramento como práticas indissociáveis, resultantes das relações humanas, sendo duas práticas fundamentais que perpassam o período escolar, estando presentes em toda a vida do indivíduo.

MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA – ESPAÇOS E TEMPOS NA SALA DE AULA

A escola é a instituição responsável por propiciar ao aluno, aprendizagem na qual este consiga fazer uma relação dos seus conceitos cotidianos com os conceitos científicos. A escola é, pois, espaço privilegiado para produzir conhecimento e esta, bem como os professores, precisam assumir postura de mediadores desse conhecimento, utilizando-se de recursos motivadores e diversificados que atendam à diversidade de alunos existentes numa sala de aula, conhecendo, analisando e acompanhando suas produções, considerando seus ritmos e possibilidades de aprendizagem (GASPARIN, 2003).

O trabalho docente é uma atividade consciente e sistemática, em cujo centro está a aprendizagem dos alunos sob a direção do professor. Esse é um trabalho muito complexo e não se restringe somente a sala de aula, pelo contrário, está diretamente ligado a exigências sociais e a experiência de vida dos alunos. A assimilação de conhecimentos e habilidades e o desenvolvimento das capacidades mentais decorrentes do processo de ensino não têm valor em si mesmos, mas visam instrumentalizar os alunos como agentes ativos e participantes na vida social (LIBÂNEO, 1994, p. 222).

No processo de alfabetização e de letramento, é indispensável que o professor tenha claro, os objetivos e os caminhos que precisa percorrer, para favorecer a apropriação da leitura e da escrita por seus alunos. Sendo

assim, a importância do planejamento pedagógico não se limita somente à escolha e à organização dos conteúdos e dos recursos, mas também à organização do tempo e do espaço em sala de aula, definindo todas as áreas a serem trabalhadas, a melhor forma de tratar didaticamente os conteúdos, os textos e os tipos de atividades a serem propostos e a respectiva frequência, para poder distribuir todas as atividades no tempo disponível, estabelecendo as devidas prioridades. Assim sendo, é importante, na fase de alfabetização, estimular a criança a ter contato com diferentes materiais escritos, favorecendo o processo de apropriação da linguagem escrita, possibilitando a representação gráfica do pensamento. Aos poucos, vai aperfeiçoando e se dando conta de que a escrita segue um padrão, pois só assim será entendida pelos demais. O professor, por exemplo, deve propor atividades que levem a criança a refletir da criança sobre a escrita, pois é pensando, que aprende, e ao aprender a ler e a escrever, é como se reinventasse o processo, sendo capaz de descobrir como se leem ou se escrevem palavras que ainda não foram treinadas, nem praticadas em sala de aula, num processo contínuo de letramento. Embora tenhamos clareza de que cada criança é um ser único, muitas vezes trabalhamos na sala de aula como se fossem todos iguais. Por consequência, acabamos facilitando a apropriação de conteúdos para alguns alunos e dificultando para outros. Ou ainda, fazendo comparação entre eles, e não observando os progressos, individualmente, em diferentes momentos da vida escolar, principalmente durante o processo de alfabetização.

Sabendo-se que cada criança tem um momento próprio de aprender, e quando se nota uma carência de estímulos, ou uma grande cobrança, no momento da alfabetização, pode ocorrer um descompasso no aprendizado, o que pode ser confundido com dificuldade de aprendizagem. É aí, que podemos perceber claramente a importância e a função da mediação pedagógica na sala de aula, buscando estimular e preparar a criança continuamente. Assim, qualquer que seja o método escolhido e quaisquer que sejam os procedimentos didático-pedagógicos selecionados, o processo será favorecido, se a criança aprender, de modo consolidado, os pré-requisitos indispensáveis para aprender a ler e a escrever, pois salas de aula com proposta curricular bem estruturada e enriquecedora pode garantir, desde aí, a apropriação do conhecimento.

A escola, pois, deve estar altamente comprometida com o processo de alfabetização e de letramento, buscando desenvolver, nos alunos, a consciência crítica, para poderem atuar na construção da sua própria história e da sua realidade social. Para tanto, é imprescindível que um professor crítico faça essa mediação estabelecendo clima de confiança e de diálogo onde os alunos possam participar das reflexões propostas, em sala de aula, respeitando a diversidade cultural, a vivência de cada um e refletindo sobre a função social da leitura e a da escrita, reconhecendo a importância das modalidades.

JOGOS E SEUS DESAFIOS NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Por que as crianças brincam? Será que brincar é coisa só de criança? É possível brincar ensinando, ou é possível ensinar brincando? Há tempo para brincar e tempo para estudar? Brincadeira é coisa séria? (MARINHO, et al. 2007).

Brincar, jogar, através destas ações, as crianças aprendem muitos conhecimentos relevantes, atitudes, hábitos, como persistência para conseguirem seus objetivos; superação de limites, de desafios e para resolverem conflitos; seleção e testagem de estratégias, para aplicarem a situações diferenciadas; cooperação com seus colegas, parceiros e oponentes; respeito opiniões e a regras. Assim, a importância do jogo e das atividades lúdicas, durante o processo de aprendizagem, tanto na educação infantil, quanto nas séries iniciais do Ensino Fundamental, tem sido evidenciada por vários estudiosos que tratam da aprendizagem e do desenvolvimento, Aguiar (2002); Freire (1989, 2002); Benjamin (1984); Brotto (1997, 2001); Bruhns (2000); Marcelino (1999); Chateau (1987); Murcia (2005); Kishimoto (1993); Mello (1989, 1993); Petry (1986); Santos (1998, 2000) entre outros

O caráter socializador da Educação Física, especialmente nas atividades lúdicas (físicas, recreativas), trabalhadas com as crianças na faixa etária de 04 a 11 anos, ganha espaço cada vez maior nas práticas pedagógicas dos professores, pois favorece e muito o desenvolvimento global, psicomotor, dos educandos, colaborando, de certa forma, no processo ensino-aprendizagem, especialmente na alfabetização e no letramento. Explorando a aspecto socializador do jogo, quando aplicamos uma atividade em sala de aula ou fora dela, percebemos que a criança se torna ela mesma, livre de cobranças, de regras rígidas, entregando-se às regras do prazer, da convivência, da diversão, exercitando sua imaginação, fantasia e criatividade. Por isso, o cotidiano da sala de aula pode e deve ser sempre interessante, desafiador e surpreendente, envolvendo tanto o professor quanto os alunos, de tal forma que o processo de ensinar e de aprender se torne cativante e fascinante (MARINHO, 2007)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) dão destaque aos jogos, como ferramenta didática, evidenciando que, através de sua vivência há uma intenção do sujeito com o objeto, possibilitando à criança, atribuir significados aos conteúdos. Evidenciam também que o educador, ao utilizar os jogos como ferramenta, pode desenvolver sua prática pedagógica através de multiplicidade de propostas. (MARINHO, 2007)

Deste modo, o trabalho com jogos requer, assim como qualquer atividade pedagógica, organização prévia, como: planejamento, adequação dos objetivos; preparação, adequação elaboração de regras; execução das atividades explicando, demonstrando, elaborando roteiros, motivando; avaliação contínua dos resultados. Assim, o jogo é reconhecido como meio de fornecer à criança, ambiente agradável, motivador, planejado e enriquecido,

possibilitando aprendizagem de várias habilidades. Assim sendo, no processo de alfabetizar e letrar o jogo ganha espaço surpreendente, pois afirmamos que jogar e aprender caminham paralelamente, sendo que, é nesse contexto, a hora lúdica (hora do jogo) retrata os desejos, os prazeres e as necessidades das crianças, possibilitando-nos construir e de reconstruir o conhecimento.

RELAÇÕES FONÉTICAS E FONOLÓGICAS

A relação entre as letras e os sons da fala é sempre muito complicada pelo fato de a escrita não ser o espelho da fala e porque é possível ler o que está escrito de diversas maneiras. (CAGLIARI, 1996, p. 117).

Um aspecto importante a ser considerado são os diferentes falares para os milhões de usuários da Língua Portuguesa. Nesse sentido, a Fonologia e a Fonética vem nos auxiliar, pois tratam dos sistemas sonoros da língua e da fala. A Fonologia pertence ao sistema, ou seja, às relações que todos os falantes possuem com a língua, enquanto que a Fonética pertence à fala, aos sistemas individuais de articulação da linguagem. Por exemplo, a palavra leite – pode ser pronunciada */leite/*, verificada na fala de alguns paraenses, */leitchi/* alguns cariocas, ou ainda */leit/* como alguns catarinenses. A essas diversidades fonéticas dá-se o nome de variação lingüística ou variações regionais.

O aluno, ao chegar à escola, já apresenta um domínio da língua, composto por variações, apreendidas durante anos, de acordo com a sua realidade. Ele apresenta sua própria gramática de falante, pois aprendeu a usar a língua de modo natural, sem seguir as normas da gramática prescritiva, mas seguindo as normas para falar em seu meio. Conseqüentemente, sua escrita apresentará traços dos vocábulos orais nos registros escritos. Assim, a escola, e principalmente a professora de Ensino Fundamental, não pode considerar as variações lingüísticas como meros erros de ortografia. A escrita, pois, sendo uma tentativa de registro da fala, apresentará vocábulos presentes nesta. Entretanto, fala e escrita são processos distintos, diretamente relacionados, mas diferenciados. Em toda a história da humanidade, a fala sempre precedeu a escrita, a primeira apresenta-se como natural e espontânea, e a segunda, artificial e adquirida – produto da cultura.

A Língua Portuguesa, pois, sendo composta por sons, que na fala, representam uma unidade, e na escrita mantêm uma relação, nem sempre direta e única com essa mesma unidade, traz dificuldades sérias aos alunos, pois isso significa que um som pode ser representado por mais de uma letra ou, uma letra pode representar mais de um som (fonema). Exemplificando: o fonema /s/ pode ser representado pela letra s – sapo; pela letra ç – caça; pela letra x – extenso; pelas letras ss – passo, pela letra z – feliz. A letra x pode representar vários fonemas como /ks/ táxi; /z/ exílio; /ʃ/ xícara; /s/ expectativa.

Serão estas representações que trarão dificuldades especiais não só para o aluno alfabetizando, mas igualmente para o já alfabetizado. Nos casos em que

a memória etimológica¹ se faz presente, não há outra alternativa: somos obrigados a decorar a forma gráfica da palavra (...); e, no caso de dúvida, temos de ir, pela vida afora, ao dicionário. (FARACO, 2005, p. 10).

Outro ponto relevante, no trabalho do professor é o fato de que todos os falantes da língua se utilizam da “lei do menor esforço”. Esclareçamos: no momento da fala, há palavras que exigem esforço maior do nosso aparelho fonador, em relação a outras, e essas mesmas palavras, se ditas de maneira diferente, exigirão menor dificuldade para pronunciá-las. Utilize-se, como exemplo, as palavras arroz e feijão, cujas grafias, aqui representadas, muitas vezes são ditas como */arroiz/* - processo conhecido como ditongação e */fejão/* - monotongação.

É mais fácil para os falantes (e aqui se inclui o aluno aprendiz da escrita, ou que está ampliando o processo), utilizar-se da monotongação e da ditongação em sua fala. O aluno, coerentemente, aplicará esse processo em sua produção, escreverá *cadera* e não *cadeira*, porque é assim que ele e, muitas vezes, a própria professora fala.

Sob este ponto de vista é que se faz necessária a mediação pedagógica, para o aluno, no decorrer do processo de letramento, adquirir a percepção das relações letra / fonema e empreender recursos, para utilizá-las de forma adequada ou para compreender onde poderá buscar conhecimento.

A POSSIBILIDADE DE INTERVENÇÃO NA SALA DE AULA

O projeto utilizou-se das relações fonéticas e fonológicas, presentes na escrita, para realizar a pesquisa de campo e paraintervir no processo escolar.

Os professores do município eleito para essa intervenção apresentaram, no início do ano, uma produção de texto realizada à maneira como faziam antes da aplicação do projeto. Os mesmos professores receberam, na primeira etapa do projeto, oficinas temáticas, com o intuito de fornecer subsídios para melhor entenderem e compreenderem as questões relacionadas ao processo de ALFABETIZAR e de LETRAR. A metodologia, adotada nesta etapa, envolveu três oficinas, sendo a primeira: Organização do Tempo e do Espaço Pedagógico e o Planejamento de Ensino; discutindo o ato de planejar, nas questões voltadas à escrita e à oralidade na rotina escolar.

A segunda oficina temática abordou jogos e seus desafios, no processo ensino-aprendizagem, envolvendo conceitos sobre jogo, sobre brincadeira e sobre brinquedo, reconhecendo-os como elementos pedagógicos concretos na prática docente. O terceiro tema foi Fonética e Fonologia na Produção Textual, com o intuito de fazer análise teórica e prática da língua falada, em diferentes situações, e investigar como esta se reflete no ato de escrever, utilizando o alfabeto fonético e as realizações

¹ O sistema gráfico, para fixar a forma de certas palavras, não utiliza, como critério, apenas as unidades sonoras que a compõem, mas também suas origens.

fonológicas como referência, ao mesmo tempo em que se discutiu a correção textual dentro de nova proposta.

O objetivo previsto para as oficinas temáticas, foi apresentar novas concepções ligadas à produção textual, aliadas à organização pedagógica e à ludicidade, intervindo qualitativamente na ação docente, auxiliando os professores a (re) construir as suas práticas cotidianas.

Espera-se, então, que diante dessa proposta interdisciplinar, os “desafios” de organizar o tempo e o espaço da escola e de dinamizar o ensino e a aprendizagem ganhem tal relevância, que venham a contribuir e a fortalecer as ações de novas práticas educativas.

REFERÊNCIAS

- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2007.
- FARACO, Carlos Alberto. **Escrita e alfabetização**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática da educação física. São Paulo: Scipione, 1989.
- GARCIA, R. L (org.). **A formação da professora alfabetizadora**: reflexões sobre a Prática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2003. p. 109-126.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- MARINHO, H. R. M. et al. **Pedagogia do movimento**: universo lúdico e psicomotricidade. 2.ed, Curitiba: IBPEX, 2007..
- SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.